

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 8 — 1916

18 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A e E — LISBOA

Propriedade de Armenio Monteiro

Toda a correspondência para
os escriptorios provisórios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Estrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Accrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Anuncios:** Conventional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.

REMEMBER



Suas Magestades D. Manuel II de Portugal e D. Affonso XIII
Celebre entrevista de Villa-Viçosa.

A Communa de Lisboa

O conhecido e repulsado traidor das organizações sociais do povo trabalhador, acobertado na capa de um refalsado puritanismo anarchista, José do Valle, laço do democratismo e panegyristas de Affonso Costa e da formiga branca, a propósito dos ultimos acontecimentos, tentando illhar o governo das tremendas responsabilidades, cae a fundo sem respeito nem piedade sobre as victimas, — as suas victimas — victimas da sua propaganda de tantos annos, mentirosa e preversa.

Escorraçado dos centros operarios, o renegado, apenas hoje tem voz activa na redacção da gazeta da rua de S. Roque; mas ainda de vez em quando, se topa operarios novatos, usando do seu nome, lhes apregoa o seu puritanismo, e lhes vaee inculcando no espirito que a *propriedade é o roubo e a expropriação uma necessidade*.

Mais culpa do que os presos como auctores dos attentados de pilhagem, tem José do Valle — impenitente apostolo do roubo e do assassinio — e o proprio governo, tirando o pão aos portuguezes para o dar a estrangeiros.

Dar a esse movimento feição communitaria e approximal-o, ou estabelecer paralelo, entre elle e a Communa de Paris, é insensatez; mas os mercenarios do governo fazem-o, deturpando os factores e assassinando a Historia, para que o odio da nação e os ferros das cadeias caiam sobre os miseros famintos.

«Que a communa de Lisboa era um movimento sinistro de pilhagem... que a Communa de Paris era um movimento nobre e honrado»... Grandes mystificadores!

A Communa de Paris, poucos a conhecem tal qual ella foi. E sobre ella não vão mais que 44 annos. Mas é que o que da sua historia está mais divulgado são os escriptos tendenciosos dos seus apaixonados. A Communa de Paris foi a manobra negra de uma quadrilha de ladrões e incendiarios. O odio contra o existente era o seu lema. Não se expropriava para comer, não se matava em acto nobre de lucta. Roubava-se, assassinava-se, destruía-se em nome do egualitarismo social. Os melhores monumentos de Paris, como a Bolsa, as Tulheiras e o Louvre, voaram em chamas pelos ares. Regavam os edificios com petroleo e lançavam-lhe fogo. Foi o movimento dos petroleiros.

Fusilaram os presos nos carcerees, de preferencia os banqueiros e os sacerdotes. Assassinaram creanças e velhos; as educandas, as religiosas, e as presas, serviram de *chair à plaisir* nas orgias escandalosas de carrasco e de boxe dos membros do Comité Central. Gabriel Reuviel, Felix Pyat, Courbet, Vaillant... que refinadissimos bandidos!

Foram os dias da Communa os mais infernaes de todos os tempos: os auctores d'esse movimento — os maiores sclerados de toda a humanidade. Quem eram elles? os proceres dos jacobinos de 93. Robespierre era o seu Deus, Hebert o seu propheta. A ideologia mystica do grande caudillo, em duas ou tres gerações, seduzindo os tarados, os nevrálgicos e os irracionaes, produziu então aquella manada de monstros selvagens. Se houve realmente pureza, sinceridade e abnegação na alma de Robespierre, vamos lá! na dos communistas só avidez, mentira e odio se albergava. Paris ficou um montão de cadaveres,

de cinzas e de ruinas. Foi um pezadello tremendo para a população pacata e burgesa.

A Communa foi um movimento republicano-socialista, diz o órgão affonsista, — o que equivale á maior exaltação do partido republicano portuguez. Foi um movimento de bandidos dizemos e provamos nós. Uma terrível quadrilha de salteadores a manobrar á solta nas ruas de Paris. Uma especie de 14 de maio em grande escala. A Communa de Paris salvou a republica, diz o escrevinhador do «Mundo»; o 14 de maio salvou a republica gritam os panegyristas do Terror. A Communa de Paris salvou a republica? Farçantes! A Communa, se Tiers a não consegue domiar á força das armas, n'um vigor e tenacidade raras, não só estrangularia a terceira republica, nascente, como assassinaría a propria patria! Os ladrões, os assassinos e os incendiarios foram tambem traidores á patria! Quando as tropas fieis começaram a marchar sobre Paris, os insurgentes chegaram a enviar um parlamentar propôr ao exercito prussiano, ainda acampado alli proximo a entrega da cidade de Paris, mediante certa fabulosa somma e a protecção das suas carcassas de escórias humanas!

Os homens d'aquelle grande crime premeditado não movido por nenhum ideal, — o que em parte lhes atenuaria as barbaras façanhas — conseguiram ludibriar dois ou tres vultos de prestigio moral, para a suggestão hypnotica nas massas! Pobres victimas, austeros apostolos, vilmente enganados e trahidos! Para esses é que deve ir a piedade dos vindouros e o respeito dos historiadores. Louis Banc, Desleclanse, Rochefort... Desleclanse era um velho septuagenario. Seduzido pelo triumpho da sua causa, socialista, acceitara fazer parte do Comité Central. Remoçára na sua velhice, junto dos jovens bandidos, e lançou-se para a frente.

A sua morte, nobre como o fóra a sua vida, verdadeiramente tragica e épica, é como que um diamante n'um pantano. Nós estamos a escrever de cór sem um apontamento, sem um livro. Mas conservamos bem de memoria a scena. Foi na *mairie du 12.^o arrondissement* que o comité central reuniu pela ultima vez. As tropas fieis baliam já Paris de todos os lados: metade da cidade já lhe estava nas mãos. Gabriel Reuviel, como um chagal ébrio de sangue, vendo-se já sem tempo para executar os presos que mais lhe convinha, fóra dar ordens para que lançassem fogo ás prisões, fazendo explodir nas caves barriças de pólvora. O comité no meio dos *mairies* estava apavorado. O parlamentar da traição não voltava. A covardia e o terror pintavam-se em todos os rostos. Ninguem se entendia. Insultavam-se mutuamente. Culpavam-se uns aos outros ao mesmo tempo. Era realmente comico e indigno. As suas fardas, que cada um para si inventára, era tudo quanto ha de mais carnavalesco. Eis que chega um homem ensanguentado e negro. Desleclanse, scismava a um canto, talvez na sua infantilidade. O homem entra e diz:—Tudo perdido! Os versalheses já estão nas alturas do Louvre. Os fortins de Montmartre foram tomados!—Era o ultimo reducto. Logo por todos aquelles *heroes* passa num relampago a ideia da fuga. Cercam todos Desleclanse

—Que fazer, Desleclanse? O velho continuou, scismando, de mãos nas algibeiras, alheado de tudo, longe em pensamento d'aquelle conluio de salteadores covardes. —Que fazer então, Desleclanse?...—De fóra vinha o fragor da lucta. As tropas fieis já andavam alli proximo. Alguns insurrectos que fugiam entravam recinto a dentro.—«Que fazer? Salvemo-nos!»—«Sim, fujamos todos!»—Só então, perante estas palavras, o velho accorda e diz:—«Que fazer? Vamos para a morte!»

Foi insultado, coberto de vaias, agredido, por toda aquella gente em tropel que fugia.

Desleclanse foi o ultimo a sahir. Tal como estava, sem chapéu, as mãos nas algibeiras, avançou rua fóra. No seu caminho, ou no seu calvario de eterna victima, cruzava-se de vez em quando com os insurrectos que debandavam.—Onde vaes Desleclanse? Os *versalheses* estão já alli!...—E o velho continuava sempre, mudo, alheio a tudo, n'uma obsessão spasmodica do espirito. Ao fim da rua havia uma barricada. Os seus defensores cahiram mortos um a um. O ultimo, tombára para traz, quando o pobre septuagenario lá chegou. Vinha já para occupal-a, correndo, um poletão de infantes. E então, o velho Desleclanse, negro, a essa hora crepuscular, a ella trepa, mostra ás tropas a sua grave e rigida silhueta mal recortada na bruma e, braços cruzados, brada-lhe:—Viva a Communa! Uma descarga fel-o rolar no solo ensanguentado, sobre os cadaveres dos seus proselytos.

O movimento que ali se deu, como veem, não tem semelhança alguma com a Communa de Paris. As revoluções democraticas é que com ella tem pontos de contacto,—na falta de ideal e de creença, no egoismo feroz, nos seus processos e propósitos. No assassinio, na destruição e no incendio. Estes ultimos motins não nos parecem mais do que uma tentativa de reacção economica contra a *Communa Democratica*, que protege açambarcadores e negoceia com a miseria da população lisboeta. Foi talvez um protesto contra o inconcebível osio de contra vontade da nação e sem um tratado que o justifique, se enviar para aprovisionamento dos exercitos aliados, com prejuizo do povo portuguez, o melhor da producção do paiz.

O governo não dá a minima satisfação da sua conducta. Quando nas camaras se pedem documentos sobre tão grave assumpto, os ministros recusam-se a fornecel-os sobranceiramente. Ainda não ha muitos dias que um deputado, sobre subsistencias, disse que para resolver a questão dos assuceres bastaria metter dois individuos na cadeia! Escandaloso sobre escandaloso, negocios escuros sobre negocios escuros, impunidade sobre todos os crimes.

A Inglaterra continua a exigir mais fornecimentos. Primeiro levou-nos as colonias; depois as armas; agora quer toda a producção continental. Levou-nos já a nossa defeza territorial; anda agora a levar-nos o suor do nosso rosto e o parco alimento nosso e de nossos filhos. E o que a Inglaterra não leva directamente, vão agentes de uma sombria quadrilha propôr ao estrangeiro, a troco d'ouro. Lembra-se que foram espulsos de Paris tres individuos que d'aqui foram fazer ao governo francez proposições de negociatas infames?...

Nós não defendemos os auctores do ultimo movimento. O que queremos é demonstrar que *communistas*, apesar do plano

fornecido pela policia á imprensa, é que elles não eram. Communistas aqui, em Portugal, por indole e por feição só vemos — os democraticos. Mas *Communistas* que trahiram a Communa, ludibriando o povo, explorando-o, servindo-se d'elle para degraular a sua incomensuravel cubica, o que faz agora com os ludibriados e os explorados, de que é exemplo o pretenso chefe do movimento, — batalhador da Rotunda — e todos esses pobres tresloucados famintos, contra elles se erguessem em natural protesto!

O livro Pimenta de Castro

A Meza Censoria da Inquisição Democratica havia prohibido a circulação do livro do general, que, pelas tremendas verdades que encerra, constitue a formal exortação do partido da Mitra e o mais rigoroso golpe, bem vibrado e lethal, na propria instituição republicana. Doia-nos a consciencia que o velho general, perseguido e exilado, não podesse, perante o paiz dizer de sua justiça; isto revoltava-nos intimamente, tanto mais que a propria lei da constituição permite a *livre critica aos actos do governo* e a livre manifestação do pensamento por palavras ou escriptos.

Nós assistimos á apprehensão de jornaes, por haverem transcripto pequenos trechos do *livro prohibido*, e até á livre circulação do órgão governamental nocturno que transcrevia o que lhe convinha, truncando, de proposito o pensamento do general — o que mais nos revolta ainda. E note-se bem, que a nós nada nos ligava á *dictadura*, fomos até o unico jornalista monarchico que a combatemos. Mas um homem perseguido, combatido e injuriado por estes tyrannetes jacobinos, tem-nos sempre a seu lado. E' dever de humanidade. E' virtude da nossa rebeldia viva. Pensámos que haviamos de ir em seu auxilio e fômos. O governo prohibia-lhe ferozmente a circulação do livro? Nós haviamos de fazel-o ser lido e apreciado pelo paiz...

Deixámos passar a febre da vigilancia policial e zás! os trechos principaes do livro, o seu verdadeiro contexto, tudo o que de interesse national merece ser conhecido, no nosso penultimo numero publicámos. Devem os leitores estar bem satisfeitos a esta hora com aquellas duas paginas do nosso jornal!

Tirámos 10.000 exemplares. Admittindo que cada jornal seja lido, em media por 10 pessoas, temos 100.000 leitores. Admittindo ainda que essas 10 pessoas que o leram, o transmitam verbalmente em conversa aos seus amigos, temos que só por intermedio da *Monarchia* um milhão de portuguezes terá conhecimento das tremendas revelações do general Pimenta de Castro!

Com muita honra. Cumprimos um grande dever. Pode o governo continuar agora a não deixar circular o livro... pouco adianta com isso!

Rocha Martins

D. MANUEL II

№ 110 e VII fasciculo

A CARBONARIA. — Um bibliothecario melancolico — Historias do velho tempo — Luz d'Almeida e Ferreira Mano — A Carbonaria Lusitana — Canteiros, choças e barracas — A Alta Venda — Machado Santos — O encanto do mysterio — O engenheiro Antonio Maria da Silva — Os republicanos contra a Carbonaria — A Carbonaria no exercito — Como se propagou a instituição — Americo d'Oliveira e a sua capa d'aventuras — José Carlos da Maia — A sombra melodramatica d'uma gravata negra.

O fasciculo a seguir intitula-se a Rainha Maria Pia.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Allegria, 100 — LISBOA

Como elles começaram!

Antonio Macieira—Alexandre Braga

Insultos — Vaias — Expulsões

IV

Pobre craneo de silex! era a apostrophe final do sr. Antonio Macieira, hoje mais conhecido pelo Chico das Pegas...

O craneo seria de silex, mas a massa encephalica, o recheio d'essa caixa era sem duvida de lama! Confirma-o a carta que segue:

Amigo Macieira:

Não posso responder á tua carta nos termos precisos em que m'a diriges, sem umas precisas explicações, a que circumstancias especiaes me obrigam, e que nitidamente esclarecem e justificam a minha conducta.

Com delorosa surpresa me vejo envolvido n'uma questão melindrosa, que se vem debatendo com desdouro e prejuizo para a causa cuja defeza a nossa consciencia nos impõe, e a nossa mocidade accieita com entusiasmo e amor. Mas, porque se não quiz evitar o conflicto, agora, que é reconhecido o alcance funesto de suas consequencias, eu muito queria que, esquecendo melindres, sacrificando brios, todos abandonassem o campo de recriminações, onde periga o bom nome republicano, e corajosamente fechassem o debate.

N'estas disposições, perguntei, á vista da tua carta, se prescindias do meu depoimento, porque me repugnava concorrer a uma contenda, que reputo pernicioso, e a que tenho assistido como espectador enojado. Respondeste: — que as minhas declarações eram imprescindiveis para a defeza da tua honra. Nada mais objectei.

Mas posso eu, honestamente, sem escrupulos, fazer as declarações que me pedes? Posso porque: 1.º Convidado para assistir á reunião que referes, só annui sob a clausula de que essa assembleia geral do Grupo fosse um tribunal, onde haveria plena liberdade de ataque e defeza, onde seriam liquidadas as responsabilidades dos factos ultimamente occorridos. E assim o declarei na assembleia, quasi no inicio dos trabalhos, logo que me foi concedida a palavra, quando disse que, se não era aquelle o fim e a indole da sessão, eu apresentava apenas sem justificar, o meu pedido de demissão, para retirar immediatamente da sala; 2.º tu foste convidado a comparecer n'essa assembleia, que sentenciou a tua expulsão por traidor, resolvendo publicá-la pela imprensa. E foi lavrada acta, para que ficassem bem definidas, na impossibilidade de posterior adulteração, as razões que fundamentaram a sentença; tu eras portanto chamado a conhecer o que lá se disse. E lavrada a sentença infamante, e resolvido torná-la bem publica, decerto te

valerias d'ella, para a divulgar e apreciar dos motivos que lá se adduziram em seu fundamento; 3.º consultei alguns membros do grupo, inclusive o sr. presidente da assembleia, que, em sua opinião, accordaram no meu incontestavel direito de fazer inteiras revelações.

Posto isto, immediatamente respondo á tua carta. 1.º Affirmo que o sr. Alexandre Braga, em resposta a umas accusações que lhe fiz declarou: — que tudo sacrificaria ao interesse politico, calcaria mesmo a dignidade pessoal para servir os interesses do grupo; 2.º Ignoro que todos applaudissem. 3.º Affirmo que ninguem protestou.

Cumpr-me, porém, dizer-te, para ser justo, que alguns amigos do Grupo republicano me declararam, em conversa, depois da assembleia, não perfilharem a doutrina do sr. Alexandre Braga.

Tens a minha auctorisação para fazeres d'esta carta o uso que te convier.

Coimbra, 6 de março de 1898.

Teu amigo

Luiz de Sousa.

De forma que não só o sr. Alexandre Braga, não fez o sacrificio a que se obrigava na carta transcripta em favor da ideia republicana, mas nem um nem outro dos contendores teve a coragem de collocar a sua ideia politica, o seu credo (?), acima da vaidade.

Pois se a vaidade é a razão de ser de um e outro!

Era a vaidade que movia o sr. Braga na titanica lucta de querer ir a Compostella representando a academia; era a vaidade que movia o sr. Macieira na refutação das razões apresentadas por Alexandre Braga, para ser elle o escolhido.

O fito primario de Alexandre Braga foi correr com o sr. Egaz Moniz de presidente da tuna para não haver duvidas ou divergencias na sua ida; não o conseguiu e então levantou a questão sobre o pé de que a tuna não devia representar a academia, quando é certo que a tuna era composta só de estudantes e como de estudantes universitarios ia a Hespanha!

Mais este boccadinho de oiro:

Vem com ares de pedagogo ensinar-me grammatica e logo na capa da esterequeira *palavras d'um ressuscitado* commette um grave erro de orthographia suajando a palavra com mais um s.

Mau sestro o da alma penada... Que quererá elle dizer com aquelle s? Que é um safado?..

O' tempos, tempos!

O que dirá hoje o sr. Macieira do seu leader e amigo? O que dirá o sr. Braga do seu collega e amigo?

A avaliar pelo que dizem os *formigas* uns dos outros, que se apodam mutuamente de bandidos, assassinos, ladrões e tudo quanto de peor pôde gerar a especie, esses dois cavalheiros continuaram chamando-se na intimidade — o mesmo que d'antes!..

Alguns d'elles evolucionou? Ambos — para peor!

Organisação Monarchica

Um inquerito

Por baluarte da imprensa monarchica temos o jornal *O Dia* e se sem facção defende essa ideia — para a qual, julgo eu, não tem a auctoridade que a sua factura impõe aos leitores que apreciam um jornal bem feito — é porque o seu passado politico sofre de ter contribuido enormemente para a implantação do regimen que hoje tanto condemna.

Sabe V... que *O Dia* era o órgão dos dissidentes onde gesticulavam Alpains e Ribeiras Bravas. Ali se projectaram insidias e torpezas, que depois se effectivaram contra o Sr. João Franco; e se não me engano, agindo, pelo menos, na cauda dos demolidores do regimen monarchico, os dissidentes, inclusive o sr. Moreira d'Almeida, não hesitaram na proclamação da proxima revolução, a qual, diziam elles, viria pôr termo aos desmandos da politica franquista. Este programma, que tão guerreado foi pelos patrioteiros, era o inicio de uma nova phase para se restabelecer o imperio da moralidade de que carecia a politica portugueza; mas como os homens mais bem intencionados são, por via de regra, os ludi-briados, a perfidia, a ingratição, o assassinato e todos os demais acontecimentos d'ahi derivados — com assentimento d'*O Dia* e seus sequazes — envolveram a estrutura moral e patriótica do Sr. João Franco, a que succedeu apenas aquelle compasso de espera urdido por maestros ambiciosos e intrusos, a quem a cevada já picava na barriga, para executarem o plano de que devia surgir um principio... de continuação corrompida, que outra coisa não é isto para que muitos monarchicos deram o seu esforço incondicional. Ora uma organização monarchica, alvitada pelo sr. correspondente d'*A Monarchia* dr. Martins Grillo, com toda a sua clareza, para demonstrar a força que pode possuir, é, não ha duvida, um projecto viavel; mas é necessario reflectir que nem todos os monarchicos podem dispôr á luz do dia, da sua opinião, porque, possivelmente surge-lhe de frente a vingança por parte das dependencias em que vive ou em que exerce a sua actividade. Dentro da sua liberdade de pensar, sobrem-lhe talvez o sacrificio financeiro e economico, arruinando-se a si e aos seus, se outros elementos não tem mais que um modestissimo emprego, o qual, quando d'elle dispensado por pretexto facilimo de justificar, não é facil obter.

Organisar... estamos de accordo, sim, mas pelos homens que puderem e sejam independentes de todas as peias, porque se fór possível a reconstituição monarchica, as bases para ella, quando depois de estudadas e solidamente definidas, conquistarem adeptos e para isso basta, como principio, o suffragio, que será o acto mais significativo das forças existentes e para se pensar então na proclamação da ideia.

Mas organizar-se ha o partido Monarchico? Quando a mim, para que me sintia bem acompanhado, preciso de ver inscriptos meia duzia de homens que em tempos idos acompanhei com a minha obscuridade, não obstante eu poder attribuir a uma facção politica parte das causas que contribuíram para a minha decadencia moral e financeira e que jamais equilibrei com toda a minha indiferença pelas coisas que nos

envolvem, pois que tambem, apesar de por vezes alludir á minha situação, os meus ovinos, se se commoveram, não exteriorisaram a mais leve sombra de lenitivos para a dôr que não poucas vezes fiz sentir-lhes.

Ora se envolvermos esses monarchicos com os que dentro da Monarchia guerrearam atrozmente a Monarchia, alguém poderá ter confiança n'elles?

Eu desejaria antes a formação de um partido fiscal para analysar e commentar os actos dos republicanos dentro do parlamento. Attrahir para ahi todas as forças combatentes.

Depois... sim, depois virá a orientação a seguir.

João Pereira

Elle ahi está!...

No domingo, na Avenida, lá vimos o sr. Affonso Costa, ao lado do sr. Presidente, passeando. Atraz a côrte, em volta a garotada, e um pouco mais longe os coches a passo...

Isto está alto!

Mas... isto agora é outra coisa e bem outra!...

Antigamente ninguem que seguisse El-Rei, correspondia ao cumprimento fosse de quem fosse. Os cumprimentos entendia-se que eram feitos unicamente ao Chefe de Estado; agora... eram os dois chapéus presidenciaes n'um trabalho insano!...

Está muito cordeal o sr. Affonso... até já cumprimenta... quem nem para elle olha!...

Por este caminho é um *exclusivo* a menos!...

Já que não pôde ser o da Companhia do Gaz ou o das Aguas, seja esse! E' sequer um começo de cumprimento de programma!...

Pedido

A todas as pessoas que se teem dignado indicar-nos nomes de correligionarios para enviar o jornal, pedimos a finesa de não nos indicar-nos sem haverem consultado essas pessoas. As devoluções sendo uma coisa trivial em jornaes — repugna-nos.

Monarchia nova processos novos! Não mendigamos assignaturas, entendemos que os nossos correligionarios teem o dever de nos coadjuvar; não o fazendo é porque julgamos dispensavel este nosso sacrificio e por consequencia ponto final.

Mas crêmos que os *pequenos*, os que *sentem* a necessidade de defendermos o torrão natal, a nossa fé christã, o futuro dos nossos filhos, nos ajudarão.

Este jornal *não tem auxilio pecuniario de ninguem, nem o quer*; vive das proprias forças e boa vontade do seu proprietario, director e demais collaboradores.

Tambem não vive sob a bandeirinha das conveniencias de ninguem — falla claro seja contra quem fór é questão da Causa necessitar que se faça...

Não é uma "jarra", menos um "jarrão", é, se quizerem, um bacamarte!

Almanack Monarchico para 1916

Preço 100 réis

À VENDA EM

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41

Echos & Commentarios

O sr. Norton de Mattos... e os "camions",

N'uma das ultimas sessões dos deputados, em que a maioria democratica *abafou* a commissão de inquerito ao Deposito de Fardamentos, o sr. Celorico Gil disse que, antes da publicação do livro do general Pimenta de Castro, esteve para interrogar o sr. ministro da guerra a proposito da aquisição de *uns camions*...

Seria natural que o ministro declarasse logo que estaria prompto a responder, mas qual historia! Abespinou-se, berrou como um puceoso, o que até obrigou um deputado unionista a bradar-lhe:

Não somos recrutas!

Ora não se ha de saber a historia da negociata dos *camions* e dos fornecimentos ás tropas... ainda mesmo que o marvotico ministro metta as minorias no calabouço!

Ha crimes que nunca esquecem, ha nodos de sangue que jamais se apagam. Pode o sr. ministro da guerra estar certo d'esta verdade. Não deve vir longe o dia da justiça.

O que haverá?

Diz-se não sabemos com que fundamente, que os navios allemães e austriacos que ha já dias teem içado a bandeira do seu paiz — dia e noite, o fazem por ordem do respectivo ministro, e que tambem receberam ordem para não darem posse dos barcos a ninguem, e se pela força lh'os tirarem, lavrarem o seu protesto em poucas palavras mas energico.

... Porque a Allemanha, ainda no caso de victoria pedirá contas estrictas d'essa fanfanha...

Revolucionario Civil

Sem discussão foi no Senado approvado um *projecto de lei* reconhecendo Alberto Lopes Correia como *revolucionario civil*!

E não querem que lá fóra se diga que Portugal vive em permanente anarchia... Pois n'alguã parte do mundo os parlamentos reúnem para reconhecer os revolucionarios civis, que é o mesmo que incitar á desordem?!

Com aquelle diploma, agora, junto ao de *formiga branca* fica pois o sr. Correia com carta para dispôr da vida, propriedades e bens dos seus semelhantes...

E por isso desde já lançamos d'aqui este pregão: — Cautella com o novo revolucionario civil!

Urbano — o geographo!

Talvez não saibam ainda? — Urbano Rodrigues, conhecido no meio bohemio de aqui ha annos pelo *macaco*, — entrou para a Sociedade de Geographia E' o socio n.º 7716. De reles informador de gazetas, com as suas farpelas num fio e o decantado analphabetismo, appareceu na camara como — deputado. O mandato de deputado, não sabemos por que hermeneutica, fel-o gente. O burrancia fez-se *ductor*. Com o primeiro fato de luxo — appareceu *sabio*. Já escreve artigos de fundo o Urbaneco — escusado será dizer que redige leis e até já assigna trabalhos sobre politica internacional! Isto tudo no *Mundo*, é claro. Agora apparece socio da Sociedade de Geographia...

Não ha duvida que tem brilhante futuro

Beijos democraticos:

Foi approvada a proposta de lei que elevou a 100 réis por decalítro o direito de entrada no Porto ao vinho, vinagre e aguardente.

Nas ruas de Mossamedes apodreceram oitenta mil kilogrammas de milho ido da metrópole, bem como muitas tonelladas de farinha, muitas caixas d'aguas mineraes e Capim no valor de quinze contos!

(Sessão parlamentar de 15 do corrente).

adeante de si. Já não apanha as pontas de cigarro do Pad'Zé, deixou já de ser alfenim da mulata Fernanda... como o outro o era da Margarida. Socio da geographia!...

D'aí a um fauteuil na Academia das Sciencias... de Portugal, são dois passos.

Illustre Urbano: os nossos cumprimentos. E reverentes nos curvamos, até ao chão, para não vermos a tua phenomenal cabeça de azinino...

Os coches da Casa Real

Raro é o dia que as carruagens da Casa Real não apparecem nas ruas de Lisboa, ás duas e duas, conduzindo a passeio o Presidente mail-a comitiva. S. Ex.^a cumprimenta á direita e á esquerda, os individuos, os rapazes, os edificios, as arvores.

E o povo á sua passagem vae dizendo zombeteiro:

— Parece que estamos no Brazil, aqui ha cincoenta annos...

Leotte — o malcreado

O *Mundo* entrevistou o sr. Leotte, o sr. Leotte ex-franquista, ex-extremador dos republicanos, sobre a appropriação dos vapores allemães e sobre o *navio restaurante*. O que diz o sr. Leotte? Duas duzias de palavras que fariam córar de vergonha um carrejão, lançando sobre os que não pensam como elle a descarga dos seus insultos baixos e com palavras que não pôdem sujar as columnas d'um jornal que não seja *O Mundo*.

Como está democratico o ex-franquista Leotte! Até na linguagem...

Mas porque razão se não deixa o Grande Almirante de palavrório e não se decide de vez a bloquear e apresar a *grande esquadra inimiga surta no Tejo?*

A Inquisição Vermelha

Recebemos o ultimo numero do *Povo da Murtosa*, com *columna e meia em branco* relativa ao artigo editorial. Foi o administrador do concelho que o papou? Então a Inquisição Democratica tambem já tem succursal na Murtosa? Temos ou não que acabar de vez com esta feroz dictadura que pesa sobre a nação e tenta esmagar o pensamento?

QUERIS DINHEIRO MUITO DINHEIRO?!

IDE HABILITAR VOS A' FELIZ CASA

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Rua do Amparo, 49—Lisboa

Sempre Sortes Grandes!...

Capitolio

Os que vieram fugindo dos lobos:

Gomes Leal (1), o principe dos poetas portuguezes.

Dr. Alfredo Pimenta, prosador primoroso, sociologo e jornalista.

Astrigildo Chaves (1), jornalista e pamphletario.

Dr. Antonio Sardinha, sociologo e prosador de raro merecimento.

Dr. Cunha e Costa, advogado e escriptor de muito merito.

João do Amaral, escriptor e jornalista de muito merecimento.

Momem Christo, filho, jornalista de rara envergadura.

(1) *Vindos antes da proclamação da republica.*

Estes quadros devem abranger todos quantos se passaram de um para o outro campo e por isso pedimos a todos os nossos correligionarios a fineza de nos darem indicações...

Rocha Carpeia

Os que fugiram

Conselheiro Bernardino Luiz Machado Guimarães, que como brasileiro, assignou, quando estudante, uma mensagem de congratulação ao paiz em que nasceu. Auctor das *Notas d'um pae*...

Conselheiro Augusto José da Cunha, Professor de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I.

Conselheiro Ferreira do Amaral, grã-almirante dos Makavenkos.

Conselheiro Freire de Andrade, Ajudante d'ordens de El-Rei.

Leotte do Rego, franquista e carcereiro dos revolucionarios do 31 de Janeiro, do Porto.

Lambertini Pinto, diplomata e que, segundo disse o *Papagaio Real*, tem o tino de lamber.

Abel Botelho, tambem conhecido pelo Barão de Lavos. Louvaminheiro e insultador das Magestades, consoante o periodo.

Subsistencias

Emquanto a fome alastra pelo paiz os seus tentaculos assustadores e formidandos; enquanto ao pobre contribuinte se principia a tirar a pelle porque a camisa já ha muito lh'a levaram, pois que o sabio sr. Camacho do alto da sua cathedra do Calhariz, aos proceres gritou que a capacidade tributaria do cidadão não estava esgotada; alem-diz, nas ruas da cidade de Mossamedes, **apodrecem na rua comestiveis no valor d'algumas centenas de contos!**...

Não somos nós, monarchicos, que o vimos e o dizemos, é um republicano, mais do que republicano, um parlamentar, testemunha visual de tal crime.

Eis o que elle disse na sessão parlamentar de 15 do corrente:

O sr. **Azevedo Antas** (unionista) tendo feito uma viagem a Mossamedes, chama a attenção do sr. Ministro das Colonias para factos que vae narrar. Diz que

viu ali, pelas ruas e na praia grande quantidade de generos destinados ás expedições ao sul de Angola, expostos ás intemperies e alguns deles já deteriorados. Cita rimas de milho, lotes de farinha, bolacha, pimentão, etc.

O gorgulho saia dos sacos de milho, em tal quantidade, que ao longo d'elles, pelas ruas, formava uma larga faixa preta, que os transeuntes tinham de calcar, chegando a invadir os estabelecimentos. De alguns sacos, em sitios mais humidos, o milho tinha germinado. Já saiam plantas do tamanho de um palmo. A Camara pôde calcular em que estado se encontrariam a farinha e aguas minerais, expostas ao sol e á chuva, n'esse clima de Africa. Na praia tambem viu um grande montão de capim, já quase pôdre, o qual, segundo lhe afirmaram, tinha custado 15 contos, sendo apenas metade dos 30 contos encomendados. O milho que em tal estado se encontrava, era consoante o informaram, na quantidade de 80.000 kilos. Não sabe quanto era a farinha e os outros generos expostos ao ar livre em Mossamedes; mas pôde afirmar que eles occupavam, em comprimento, muitas centenas

de metros, accumulados em lotes da altura de dois metros, e de largura, de 3 a 4 aproximadamente. E ao mesmo tempo que estes generos apodreciam na praia, no interior de Mossamedes, morriam milhares de pretos á fome. Só no Lubango morriam aos 15 e 20 por dia. Póde atestar o estado lastimoso como eram repatriados os pretos que tinham servido como carregadores junto das expedições. Muitos embarcaram para as terras da sua naturalidade, no mesmo vapor em que regressou elle, orador, e póde afirmar que vinham famintos e esqueleticos. O medico de bordo rejeitou muitos, com medo de que morressem na viagem; mas, ainda assim, alguns morreram no curto trajecto de Mossamedes a Loanda, e outros no mesmo dia em que chegaram a esta cidade.

E' como vëem!

Oitenta mil kilogrammas de milho inutilizado á intemperie, farinha, aguas mineraes, etc.

E enquanto tantissima gente morre de fome, e os que ainda podem comprar o tãem que fazer a mais do dobro do preço usual, que a exportação e o consumo tornou o genero raro, o governo, este feliz governo que fez a revolução n.º 2 para pôr a constituição em pé, deixa cair de fome os seus concidadãos — na metropole e em Africa, dando ainda a estes um novo supplicio de Tantalo...

Que gente!

E ha de uma patria tão rica de historia, tão rica de actos de heroismo, talvez nunca igualados, morrer estrangulada ás mãos de tal gente!...

O primeiro, o primacial dever de todos os portuguezes — é correl-os! E se para tanto não ha homens, que o façam as mulheres!

Resuscite a padeira de Aljubarrota e a Maria da Fonte!

Seja o echo d'esta afronta o signal do .. pontapé!

O sr. Leotte

No numero passado, quasi no final, por descuido, uma linha de linotype tirada por inutil, foi intercallada quasi no final do escripto, fazendo saltar parte do almirante para debaixo d'uma linha inutil... foi uma descida a capitão de fragata que o typographo fez de sua conta e risco...

Mas nós queremos-o no posto que occupa...

Dizia um primoroso escriptor que era um grande prazer espirital ouvir uma mulher bonita dizer tolices; e agora vê-se que tambem não é muito desagradavel conhecer a cerebração d'um almirante d'estes...

E' tão ignorante o sr. Leotte ..

Pedido

Pedimos aos nossos leitores a fineza de mandarem a sua correspondencia dirigida á Redacção ou Administração, mas nunca em nome individual. Agradecemos.

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Prata da Victoria, 42, r/c.

Lá por fóra

Grandeza da barbarie allemã

Os telegrammas da guerra são curtos, rigidos, faltos de interesse; não fazem mais que referir o facto, prescindindo dos detalhes. E nesta conflagração devem ser muitos os detalhes admiravelmente grandes e sinistramente formosos.

Uma vez o telegrapho disse:—O cruzador inglez *Highflyer* metteu a pique o transatlantico allemão *Kaiser Wilhelm*, na costa do Rio de Ouro.

Este é o facto. Nada diz. O que muito diz neste caso é o detalhe.

O *Kaiser Wilhelm*, armado de uns canhões, teve a missão de apresar navios inglezes. Apresou varios; como não tinha portos amigos proximos aonde conduzir as presas, recolhia as tripulações e afundava os navios.

Uma vez deteve o *Galician*, em que iam mulheres e creanças e por isso o *Kaiser Wilhelm* o respeitou: permitiu-lhe a passagem. E' um rasgo de marinhãis, que lembra os grandes e altos cavalleiros, que á passagem das mulheres, saudando-as, arrastavam pelo chão as plumas dos chapéus!

Assim continuou a sua obra o *Kaiser Wilhelm*. Uma tarde, porem, em que se achava mettendo carvão, surgiu o cruzador inglez. A machina, tinha-a parada; os depositos de carvão, vãos. O cruzador inglez intimou-o a render-se; e o *Kaiser Wilhelm* respondeu: "Os barcos allemães não se rendem!". Chegou para elle a hora da morte; mas o transatlantico allemão quiz morrer com grandeza. Com as bandeiras, disse para o cruzador inglez:

"Tenho prisioneiros inglezes. Consinta que os desembarque.."

Fez o transbordo; a seguir içou a bandeira de combate. Disse—"agora,!"—Soaram os canhões do cruzador: o *Kaiser Wilhelm* afundou-se cheio de magestade... com o seu capitão.

E quando na Costa de Ouro se desenrolava quadro tão cheio de bravura, de cavalheirismo e de grandeza, os periódicos inimigos bradavam:

—Os allemães são uns barbaros!

O almocreve das pãtas

O telegrapho desde que principiou a guerra transformou-se; é hoje o grande almocreve das pãtas. Vejam esta:

Zurich, 15.—O governo austriaco ordenou a requisição immediata de todos os objectos de metal que se encontrem nos hotéis, restaurantes, clubs, bars, cafés, e pensões, bem como as aguias de metal dos capacetes das tropas, para se fazerem projecteis.—(Correspondente).

E' do *Diario de Noticias*, e, dil-o, do seu correspondente, que é qualquer coisa assim como Agencia Havas...

E' claro que um paiz que estivesse em tal situação se encontrava não perto de pedir a paz, mas vencido e no estector da morte...

Fabrica Skoda

Afinal só ardeu ou foi pelos áres na imaginação ardente das agencias de informações...

E' cada mentira... que nem a fraternidade portugueza lhe ganhal

Assistencia a Monarchicos

Fundou-se em Lisboa uma grande comissão para angariar donativos para os monarchicos necessitados. D'essa grande comissão é presidente o sr. Conselheiro Antonio Cabral, um espirito lucido, moderno e forte. Como satellites d'esse astro ha muitos nomes de pessoas categorizadas—sendo, pois, garantia de que justiça na distribuição de beneficios será feita.

Essa comissão subdivide os seus trabalhos de propaganda por outras comissões constituídas por tres membros, que tomaram o nome de «comissões de execução», e que tem a seu cargo o angariar donativos. Em cada conselho haverá d'essas comissões, bem como em Lisboa e Porto, estando na capital já funcionando varias d'ellas.

O Sr. Armenio Monteiro, membro d'uma d'essas comissões recebe desde já quaesquer donativos para essa grande obra de solidariedade partidaria, podendo ser enviados para esta redacção, que fica contigua ao seu escriptorio commercial.

Quem dá aos pobres — empresta a Deus, cumprindo um santo preceito religioso; n'este caso é alem d'uma obra de mesericórdia um dever a que ninguém se deve furtar, dentro das suas posses.

Temos em nosso poder varios artigos, cartas e alvitres sobre o assumpto, e parece-nos que no fundo, a esses cavalheiros morde a brotoja das vaidades.

Todas as comissões fundadas com o fim patriótico de auxilios os que precisam são nobres e ante ella nos inclinamos respeitosos.

E' certo que julgamos que da unificação dos esforços viria um maior proveito para os beneficiados e para todos; mas desde que cada uma das comissões que estão funcionando entendem que devem manter a sua autonomia, nada mais temos a fazer que respeitar a sua resolução.

E n'este assumpto que só implica a boa vontade de cada um para um fim de caridade, não estamos dispostos a mexer salvo quando tenhamos a certeza de que ha injustiça na distribuição dos beneficios, porque então corre-nos o dever de prevenir os subscriptores.

Aqui damos na integra a carta do sr. Alfredo Ferreira, de que publicamos parte no numero passado na **Organização monarchica**, visto que s. ex.ª nos diz que como se fez lhe deturpava o sentido e a queria publicada na integra:

Meu caro Astrigildo:

Já lá tem os meus cumprimentos «A Monarchia» e feitos muito particular e affectuosamente. Oxalá que tenha tantas venturas como as que, de direito pertencem aos seus muitos merecimentos, cada vez mais melhorados. E... com esta justa venia de amigo certo, prepare-se para a maçada:

Tenho-me abstido de trazer a publico as minhas razões e pensar sobre politica porque, quando vim para a lucta — e olhe que não foi muito tarde... — já conhecia a refinada deslealdade do inimigo, que é o maior d'est'afflicta Patria. Eu quero uma só organização que é a organização revolucionaria. Tal gente já não vae a tiros de tacos, só vae a tiros de balas. E olhe... que já, n'isto não sou muito discreto... mas como não

pensam todos como eu, sigámos, n'estas treguas, um pouco, o indiscreto exemplo da maioria, embora do que vou tratar não tenha nada com o caso.

A minha consciencia, pois comprehende, felizmente, o dever. aconselha-me a não me render ao seu desafio sobre organização, inserto no ultimo numero d'«A Monarchia» que o vejo revestido das melhores intenções.

Ponhamos de parte a organização politica. Não serei eu que lhe toque que não seja por obediencia, ou disciplina, e para lhe dizer que sou, de todo contra ella, porque já não são precisos a propaganda e os centros monarchicos para fazer monarchico este Paiz onde, não havia convicções. Isso foi obra que temos a agradecer á republica, coitada, que é o unico favor que lhe devemos — e já não é pouco... e porque não será nos Centros que o Astrigildo Chaves e este seu amigo e mais correligionarios nos faremos, *aprendendo a recruta*, os soldados que hão-de restabelecer regenerada, Monarchia, salvo se, em cada centro, se estabelecer uma escola de tiro. Mas... n'este caso, não seria grande o numero de socios... Centros monarchicos dizem que ha um, em Lisboa, que, outro dia, na melhor das intenções, e sem querer, o nosso querido «Dia» *sobressaltou* fazendo-o lembrado. E este Centro, onde ha de tudo que não faz mal a ninguem, mesmo funcionarios da republica (agora chamem-lhe delação e traidora a esta... sim?) o que eu ignorava quando da sua constituição para o que não *metti o bico* que não fosse para apoiar, de fóra... a escolha do dito, não devemos interromper-o na sua patriótica acção de absoluta qaz que é a que tem exercido desde o ridiculo 14 de maio: Esperar mais uns politicos invernos *acachapado* como os lagartos, pelo sol de Pimenta de Castro para se assoalhar. Deixem-no dormir, pois, socegradamente que, quando restabelecermos a nossa Monarchia ou coisa que se lhe aproxime, podemos contar com elle para as festas e cerimoniaes.

Mas... como disse, deixemos este assumpto a resolver, lá, aos nossos conselheiros e vamos ao fim d'esta minha carta, que já vae longa, e que é o da organização para os pobres, para os que necessitam, para os sacrificados empobrecidos por uma sagrada dedicação pela causa da Patria que é a nossa.

O meu alvitre vae na inclusa carta que desisti de publicar, á sua data por circunstancias sem importancia e que não é preciso trazer á massada querer esperar que a iniciativa partisse de maiores cathogorias. Agora que estou precedido pelas cartas do nosso valente correligionario e illustre amigo sr. Major Montez, pelo nosso muito presado amigo e distinctissimo jornalista, illustre director do nosso «O Dia» que nunca nos abandonou e por si, meu caro Astrigildo, accitem, com paciencia, a minha sahida a publico que talvez não seja a ultima.

Ahi vae, pois, o alvitre, na dita carta á sua disposição e apreciação e, se quizer, á apreciação dos interessados e mais publico... E, para terminar, por hoje, mais duas palavras, apenas: Não acho justo nem delicado, mesmo tambem porque, de senhoras, e muito distinctas, se trata, que, a não ser com o meu alvitre, que já teve a approvação particular de uma d'ellas, ou de outro melhor que surja, que se vá pre-judicar, como alguém pensa, segundo me dizem, o estímulo que anima a alma, que são as senhoras das commissões já organisadas, entregando, a continuação da sua generosa obra, a outras em embryão. Se-

ria, essa destituição, uma indelicadeza e um engano prejudicial. O que está tem as honras da iniciativa, tomada em tempo muito borrascoso, não devendo o Centro monarchico pensar sequer n'esse acto de desestímulo, esse Centro que desapareceu com a brisa bonançosa da politica Pimenta de Castro, ao pequeno e medorento sôpro (vá assim para ser menos mal educado e para não roubar a definição a Thomaz Ribeiro) a que chamam 14 de maio. O Centro Monarchico se quer estreiar-se na actividade do Bem-Fazer que assente praça, para jurar bandeiras nas mãos das patrióticas e bondosissimas senhoras que, em epocha de maior risco, lhe deram a melhor lição com o seu alto exemplo de coragem e bondade, não abandonando, jamais, a Causa e os seus lidimos e sacrificados partidarios. Honra, pois, e Respeito a essas nobres Senhoras!

Perdôe-me meu caro e sacrificado Chaves, mais esta ajuda ao seu tormento em nos aturar; mas leve tudo pelo amor de Deus, da Patria e da Familia Monarchica que é a de nós todos e a mais nobre de Portugal, na qual, este seu admirador, se enfiou, que é dos que mais lhe quer e o estima a si com dedicação sincera. Grato amigo seu.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1916.

Alfredo Ferreira.

Dos nossos correspondentes

LAMEGO, 10.—Dizem-nos que o sr. dr. Alfredo de Sousa, illustre deputado democratico por este circulo, chorou, quando pela primeira vez fallou no parlamento.

Embora muitos extranhem esta acção de s. ex.ª, nós não a extranhámos, pois já não é esta a primeira vez que s. ex.ª chora quando falla em publico. Por varias vezes o ouvimos no tribunal d'esta cidade fallando com tanta commoção que as lagrimas lhe subiram aos olhos. N'uma d'essas occasiões diz-nos um amigo: «Aquelle chora, mas nem chorando arranja o que quer porque já todos o conhecem». Portanto não extranhem que s. ex.ª chore; elle chora porque, coitado, não foi talhado para aquillo. A culpa, sr. dr. não foi sua, bem o sabemos, mas agora já lhe não dá remedio e por conseguinte chore, chore que desabafa! Deixe fallar as más linguas!

Ignotus.

MÉDA, 12-2.º.—Sem pretensões litterarias, despidas do adorno brilhante de estylo colorido, inicio hoje as minhas humildes correspondencias para «A Monarchia», cumprindo o grato dever de enviar os meus respeitosos cumprimentos a todo o seu corpo redactorial e administrativo, com votos calorosos porque o denodado campeão monarchico tenha longa vida repleta de prosperidades. Aproveito o ensejo para tambem prestar a homenagem do meu respeito e admiração devido á nobreza de caracter, firmeza de convicções e invulgares qualidades de jornalista de combate que possui o seu illustre director Astrigildo Chaves, cujos relevantes serviços e sacrificios pela Causa Monarchica o impõem ao respeito de todos os correligionarios.

E hoje ficaremos por aqui, limitando-nos ao cumprimento das praxes jornalisticas, embora tivesse mais algumas coisas a dizer, dignas do conhecimento dos leitores.

—Regresson do Alentejo a esta villa, o nosso amigo sr. Eduardo Carrapalo.—Corresp.

«A' ultima hora

Estão em greve os estudantes de algumas escolas superiores do paiz, constando que hoje ou amanhã serão acompanhados pelas restantes.

Por enquanto a grêve é, pode dizer-se, pacifica, mas não tarda, segundo os nossos informes, que assumam um caracter mais grave.



Não sabemos se já repararam que o sr. Presidente da Republica é agora o empresario dos vivas... Onde quer que chega ha de atirar um viva, nem que tenha que ser... á Christina!

Até já dá vivas á magistratura judicial...

Mas com franquezinha acham isto proprio d'um chefe d'Estado?

Ha tempos um diplomata dizia-nos «que a republica portugueza era unica, incomparavel... inimitavel... e indiscutivel...

E' realmente assim... até no protocolo!...

Era uma vez um homem, cunhado de outro, que se passou com a mulher d'outro, as massas d'outrem e um automovel de todos...

Andou por longes terras, comeu, bebeu, gastou e... etc., depois voltou, nada entregou e retomou o seu lugar...

E' uma historia muito comprida e nada rica em coisas boas, mas que não vale ser discutida, pois a justiça tão do supremo, sente-se bem; assim regida por tal figura tão côr de breu, que até de França gente o correu...

Depois da posse:

Eu não te dizia?!...

— Era o teu sonho...

— Custou, mas cá estou!

— E agora?

— Agora?... Para a immortalidade!...

— Deus nos defenda!...

— Ora essa?!...

— Mais filhos?...

— Immortalidade... da historia, tontinha?

— Que susto!... Já apanhei as notas d'um pae, que horror apanhar ainda mais chichi!...

Mac.



Visitas

Recebemos a visita, que muito nos penhorou e honrou, do Sr. Antonio Vaz de M. scarenhas, um ancão de mais de oitenta annos, e que nunca mudara as suas crenças politicas; foi sempre, é, e quer morrer, monarchico.

Serviu com lealdade e cavalheirismo a Monarchia, e serviu-a em situações bem difficis.

Seus filhos nossos presados assignantes, são tambem monarchicos amantes da sua patria. Um, capitão do exercito, pediu a demissão ao garrotar a republica camaradas seus...

D'esta tempera, pae e filhos, precisa a causa monarchica muitos.

Agradecemos a honrosa visita.

Conferencias

Na Liga naval, realisou-se ha dias a primeira conferencia da serie *Vasco da Gama*. Foi conferente o sr. Luiz de Almeida Braga que toma por tema— **O mar tenebroso**. A conferencia foi simplesmente esplendida, sendo o sr. Braga no final muito cumprimentado.

Foi tambem n'essa occasião distribuido um trabalho do Sr. Conselheiro Jayme Forjas Serpa Pimentel, trabalho erudito e que muito o honra.

Breve o transcreveremos pois para tanto temos auctorisação.

Brevemente: A LOUCURA JACOBIÑA

POR ASTRIGILDO CHAVES

- I — Um Bragança não foge!**
II — O Massacre do Tenente Soares.

Ziragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo **200 réis.**

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pes oal que vae a casa dos clientes